

NOTÍCIAS POPULARES - SP

31 / 7 / 77

●●● Por incrível coincidência, as novelas globais estão, ao mesmo tempo, retratando teatro. Em "Loco Motivas", Kiki Blanche é uma ex-vedete do teatro rebolado, em "Espelho Mágico" há a montagem da peça "Cyrano de Bergerac", em "Dona Xepa" também será montada "A Casa de Bonecas", peça de Ibsen, e em "Niña", existe a "Lira das Mimosas", uma espécie de precursoras do teatro de revista. Que coisa, não?

●●● Já foram feitas as primeiras gravações de Brasil Especial, com Vinicius de Moraes, que irá ao ar nos dias 9 e 16 de setembro, com a participação de Toquinho.

AGNES ROBERTA

Vinicius

O FLUMINENSE - NITEROI

31 / 9 / 77

NINEL NOTÍCIAS

Às vésperas de sua chegada ao Brasil, no próximo dia 16, quando fará uma série de apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, o maestro Ray Conniff tem dois LPs lançados através da CBS: Ray Conniff Especial, com 14 sucessos; e **If You Leave Me Now**. Conniff, recentemente, ganhou Disco de Platina Especial, da Columbia, por bater o recorde de venda de discos de orquestra.

• Já foi distribuído no mercado brasileiro, pela CBS, o LP de Barbra Streisand e Kristoferson que traz a trilha sonora da nova versão do filme **A Star Is Born**, estrelado pelo casal. Além de faturar o Oscar desse ano como "melhor trilha sonora", Barbra e Kris já figuraram no

primeiro lugar das paradas americanas. O LP tem outro prêmio: Disco de Platina e está nas paradas da Inglaterra.

• O cantor-compositor Hyndon lança o seu terceiro disco em uma década de carreira artística. O LP tem o título de **Nossa História de Amor**, com produção dele e de Alexandre Malheiros. Hyldon, nos anos 60, formou um grupo denominado "Os Abe-lhas". Depois "Os Selvagens". Em seguida começou a preparar a carreira individual. Suas primeiras composições foram gravadas por Robert Livi e Elizabeth.

• Quase pronto o novo LP do sambista Roberto Ribeiro, intitulado de **Poetra Pura**, que será lançado pela Odeon agora em agosto. João de Aquino é o

produtor e no repertório figuram composições de Monarco, Silas de Oliveira, Ivone Lara, João da Baiana e outros, além do próprio intérprete, que assina duas músicas. Enquanto isso, Roberto Ribeiro vem se apresentando com destaque no show **Nove e Mela**, no Canecão.

• O famoso violonista e compositor Toquinho, nada mais nada menos que parceiro de muitas músicas do poetinha Vinicius de Moraes, entrou sozinho num estúdio, precisamente o da Phonogram. Produzido por Luiz Roberto, o instrumentista grava dois LPs, sendo que o primeiro será um álbum solo: ele e seu violão. No outro, despontam parcerias novas, inéditas, entre elas, Belchior. Resta aguardar pra conferir.

Vinicius



BETH CARVALHO

NOS BOTEQUINS DA VIDA

SÉRGIO COSTA E SILVA

BETH CARVALHO mora no Leblon. O apartamento de decoração simples é despojado e informal. Como ela. Tem alguns posters seus nas paredes da sala, dois quartos com muitos vestidos de shows e no seu quarto, seu mundo: discos, aparelhagem completa de som, e nas janelas, contacto escuro para impedir a luz do dia, pelo menos enquanto ela dorme.

Com um sorriso amplo e se preparando para gravar ainda 5 faixas de seu disco, Beth começa falando que, antes de mais nada, é boêmia, adora a noite, os amigos, os papos e nisso tudo encontra elementos e inspiração para seu trabalho.

— O samba tem uma ligação muito grande com o botequim. Claro, em todo botequim que a gente vai, o som é de samba. No fim da noite, nunca falta aquela batucada na caixa de fôfonos e essa realidade está muito dentro de mim, porque eu a vivo quase que diariamente. Depois que passei a frequentar o ambiente de samba e de viver a vida — dos sambistas — me sinto muito integrada comigo mesma. E afinal, a gente desabafa mesmo nos "botequins da vida". Não é mesmo? Pelo menos, é a maneira mais imediata... Beth

começa a cantarolar:

"Bar, o estranho sindicato dos sócios da mesma dor,
Bar, o refúgio barato dos fracassados do amor..."

— Não é o meu caso não. O meu botequim, o botequim que frequento e falo é aquele que é ponto de encontro, onde a gente pode até trocar as angústias, mas não é o da fossa só. Esse, a Nora Ney — que eu admiro e gosto muito — canta como ninguém. O meu botequim é o do elemento novo, onde entre uma partidinha de bilhar (sinuca), uma cervejinha e um samba a gente "vai levando"... É o mundo do povo que eu gosto de participar e que coloco nesse meu último trabalho.

— Beth, e o mundo da zona sul?
— Frequento também, pois é minha verdade tanto quanto os temas da zona norte, do subúrbio. A gente não precisa morar no morro pra falar dele, nem ter passado fome pra saber o que existe por aí...

— Como surgiu o título do disco?
— Engraçado, amigo, realmente, acontece uma coisa engraçada. Toda vez que termino de gravar um LP, logo depois o título do próximo me vem à cabeça. Talvez seja uma espécie

Ela nasceu na Gambôa, num mês de Maio que lhe deu o signo de Touro: batalhadora e sensível. Ainda menina, começou a tocar violão e aprendeu tão bem, que aos 15 anos, tinha 40 alunos. Gostar de música, sempre gostou, mas na infância sonhava em ser bailarina. Carnaval, foi a sua primeira paixão e decorava umas 70 músicas por ano e "Se é Pecado Samba" marcou muito da sua adolescência. Quando a bossa-nova atingiu seu auge, encontrou seu ídolo maior: Silvinha Telles, que até hoje é sua cantora favorita. Foi nessa ocasião, empolgada com a bossa-nova, que começou a cantar com festinhas de amigas e numa delas, um camera-man da TV Rio, convidou-a para participar do programa "Um Instante Maestro", apresentado por Flávio Cavalcanti e líder de audiência na época. Beth Carvalho foi e logo foi contratada pela RCA. Nesse mesmo ano, 1966, gravou seu primeiro compacto-simples, com a música "Por Quem Morreu de Amor", de Roberto Menescal. Ainda nesse ano, participou de um show "A Hora e a Vez dos Sambistas". Foi em 68, entretanto, que gravou "Andança", que foi um estouro de venda. Ficou conhecida do grande público e praticamente começou uma ligação com sua identidade de artista e intérprete: ao mesmo tempo que estava envolvida com a Bossa-Nova, procura também os sambistas autênticos, aqueles que fazem seus sambas e colocam toda carga de suas vidas e inquietações. Procurava pelos bares, compositores que sua função como artista era cantar sua gente, o povo e, desde aí, Beth Carvalho é porta-voz de compositores populares "Música". Agora, quase às vésperas de lançar seu sexto LP, "Nos Verdades e Convicções e escolheu esse título para seu disco porque o samba nasce mesmo nos botequins e é também nos botequins que o povo se encontra para um papo, um desabafo e algumas horas de evasão. Mas Beth Carvalho, não canta e da alegria e troca de vidas...

de ansiedade em querer continuar, prosseguir. Quando fiz o LP "Pandeiro e Viola", falei: — meu próximo disco vai se chamar "Mundo Melhor". Tinha uma música escolhida para gravar, e tinha exatamente este nome (Pinguinha e Vinícius, os autores), mas não era a que estava pensando para puxar o LP... Mas essa música deu o sentido do disco, sempre me domina o desejo de um mundo melhor não pintou. Não para mim como artista, porque nesse sentido foi maravilhoso. Eu digo que o mundo melhor é que não acontece. Então, quando pensei num novo trabalho, o título veio assim, de estalo, e está mais ligado à realidade também. E com isso, meu objetivo é mostrar o som, a música, feita nos botequins. Daí o disco, daí as músicas que escolhi para cantar."

Para preparar "Nos Botequins da Vida", Beth Carvalho ficou, durante cinco meses, recolhendo músicas, ouvindo compositores, selecionando material. Na próxima semana, termina de colocar a voz nos arranjos e, em agosto, lança o disco.

O MAIS DIFÍCIL É A SIMPLICIDADE

Muito concentrada enquanto fala, Beth continua dizendo que

"em samba nada é novo. Você tem é que, cada vez mais, chegar à simplicidade que o próprio samba propõe. Por isso, estou em direção à essa simplicidade e quero atingi-la por completo. Comparado com meu trabalho anterior, este, está muito mais simples. Nós nos preocupamos em não elaborar demais, tudo está mais à vontade, mais solto. Tudo super profissional quanto à parte técnica, mas a artística, mais espontânea. Para isso, Durval Ferreira e Rildo Hora, tomaram todos os cuidados e estão seguindo com o maior carinho todas as fases do disco. Rildo, é o produtor ideal. O carinho que ele tem, é o mesmo que eu tenho, coisa difícil da gente achar, não é mesmo? Ele fica junto o tempo todo, ele é músico e isso conta muito. O samba cantado nos botequins são de todos os tipos. E não só samba é cantado em botequim, como qualquer música, até valsa! Como meu repertório é formado na sua maior parte, por sambas, é claro que escolhi mais sambas. Não esqueci entretanto de colocar uma música linda "As Moças", de Paulo Pinheiro e Paulo César Pinheiro, que é a parte mais sofisticada do LP. Samba e botequim são coisas anárquicas, marginais, e eu curto muito. Em muitas faixas até idealizamos uma ambientação de botequim. Isso mesmo: copos, gente falando, ruídos de bar mesmo, colocamos. Pena que o disco não possa ser gravado realmente num botequim... Ah... outro detalhe que considero importantíssimo: mistura no coro, cantores profissionais e o pessoal da "Velha Guarda da Portela". Foi uma fusão ótima. Autenticidade é o limite!

Antigamente, o samba era muito mal gravado, agora não. A parte técnica é muito elaborada. Pelo menos, posso responder pelo meu trabalho, pelo do Martinha da Vila, Paulinho da Viola, Clara Nunes. Nós gravamos samba e com todos os recursos eletrônicos para assegurar a qualidade.

O SAMBA COMO OPÇÃO

— Eu queria me comunicar mais com o povo. Com a bossa-nova estimei meu lado mais requintado e não nego que influenciou toda minha geração, agora, a bossa-nova era uma coisa muito eremética, uma coisa muito de zona sul carioca. Foi muito válido para mim, mas não o suficiente para me preencher como intérprete. Em termos de letra, sobretudo. Eu precisava falar mais com meu povo, queria conversar mais com ele e como sem-

pre me liguei muito no pessoal do samba: Aracy de Almeida, Noel Rosa, Silvío Caldas, Néson Cavaquinho, fui sentindo que minha razão maior como artista estava mais próxima à este tipo de arte. E o samba mesmo, o de raiz, o do morro, o do negro, sempre me fascinou muito, porque eu captava tudo. Por exemp'o, eu peguei uma vez num tamborim e comecei a tocar, da mesma maneira aconteceu com o cavaquinho, que toquei com a maior facilidade. O ritmo também, sempre foi uma coisa forte em mim, dentro de mim. E a letra do samba é uma coisa que está b'm mais próxima do povo. No meu trabalho às vezes, muitas pessoas me criticam negativamente pelo fato de eu ser branca. Não os compositores, mas os "b'cos"... O fato de eu morar na zona sul é outra coisa que incomoda a oposição. Quando eu comecei a cantar samba (71) não estava tão na moda, como hoje, e a barreira que tive que enfrentar foi das mais altas. Foi uma luta de força. Comparo muito o meu trabalho com o de Nara Leão, pena que ela não teve oportunidade de chegar até o povo como eu cheguei. Mas ela fez um trabalho da maior importância."

Beth Carvalho não está querendo fazer noite de lançamento do disco.

— O dinheiro que minha gravadora (RCA) investiria no coquetel, convites etc. gostaria que fosse aplicado de uma outra maneira. Por exemplo, o Cafi (que fez a programação visual do LP e também as fotos) deu uma ideia genial, que ainda está sendo estudada pela RCA: mandar para todos os botequins do Rio, uma bandeja redonda com a foto da capa do disco impressa. Dessa maneira, eu estaria presente em todos os botequins...

Beth Carvalho tem sua própria firma empresarial, dirige de perto, juntamente com Júlio César — diretor da BC Promoções, sua empresa — todos os seus negócios. Sua agenda parece mais a agenda de um executivo: todas as semanas tem muitos shows programados. Beth só ficou mais tempo sem sair do Rio porque acaba de fazer uma temporada no João Caetano "Onde o Rio é Mais Carioca", com Sérgio Cabral, João Nogueira, Joel do Bandolim, no horário das 21h30m. Foi um sucesso colossal. Toda noite quando Beth cantava "As Rosas Não Falam" de Cartola, o público cantava e se entregava na mesma emoção. Essa repercussão tão positiva fez com que ela planeje, ainda para este ano, um

show sozinha. Sua grande vontade e também seu grande desafio.

Do seu repertório atual, que faz parte do disco, também cantou algumas músicas nesse seu show e encontrou a maior e melhor repercussão. O partido alto, "Olho Por Olho" e o samba "Saco de Feijão", foram super aplaudidos.

Beth Carvalho é uma pessoa otimista. Sua filosofia maior é uma grande força interior e uma garra de vida que ela diz ter recebido de seu pai, João Francisco Carvalho, um otimista exagerado, segundo ela mesma. Por outro lado, Beth Carvalho é mística. Não ao ponto de ver sua crença como uma dependência, mas naquele nível que estabelece um pique para qualquer ser humano. Iansã, é sua santa e ela não nega que tem um fascínio pela umbanda. Quanto ao amor, acha fundamental e necessário em sua vida. Para respirar, viver, trabalhar Beth precisa amar e receber amor. E confessa que quando esse lado não está bem, sua vida profissional fica contagiada. Mas como ela é do signo de Touro, sempre levanta, secode a poeira e dá volta por cima...

— As perspectivas do mundo são tão caóticas que para enfrentar a barra é preciso muita força e coragem. Como estamos vivos, acredito que seja viver a melhor maneira de reagir à destruição que nos rodeia, não só material como psicológica."

Consciente, lúcida, equilibrada e boêmia. Talvez as contradições das três primeiras características com a boêmia, sejam a base de sua personalidade. O que importa em Beth é que ela exige para si mesma o que é mais autêntico com sua ideologia e emoção.

Assim, de repente, ela pergunta que horas são, leva um susto, diz que tem que ir para a gravadora e vai se arrumar. Antes de nos despedirmos ainda me informou: — olha, não esqueça de colocar nesta entrevista que tenho atualmente um conselheiro e amigo querido: Ruddy. Ele não é somente meu cabeleireiro, é também uma espécie de guru estético!! Ri muito porque ela se diz quase que indiferente à moda. Gosta de cantar e de usar as roupas que lhe deem maior mobilidade. Ah, e a pediu também para colocar que Célia Camarero é a sua atual figurinista.

Toda equipe está formada para dar a Beth Carvalho o apoio que ela precisa e para poupar-lhe tempo a fim de que possa, cada vez mais, só pensar em sua música.

Foi talvez um dos piores shows que já assisti; foi certamente um dos espetáculos mais lindos que tive a sorte de testemunhar e relatar. Muitos artistas faltaram — e não fizeram a menor falta na festança de Milton Nascimento. E de Chico Buarque — e dos dois juntos e mais Gonzaguinha, Fafá, Clementina e Francis.

O rosto negro de Milton brilhava ao sol de Três Pontas, livido de emoção diante da multidão que, colorida, esperava a festa sob a luz generosa das serras mineiras. Milton mal falava — ele só pretendia fazer um show de presente para o povo da sua cidade, para seus amigos, parceiros. O que era para ser pequeno e íntimo se transformou numa grande massa sentada ao sol, num festival inédito no Brasil: de graça, sem patrocínio, aberto a todos os olhos e ouvidos. O que era para ser uma pequena festa de interior acabou se transformando num evento nacional, com dezenas de jornalistas de todos os estados, aviões, caminhões de externa, 8 mil watts de som, 30 mil watts de iluminação (o concerto estava previsto para entrar pela noite mas acabou quando o sol se pôs) — uma superprodução eletrônica cravada na singeleza das Minas Gerais.

Foi demais para o coração de Milton, o do permanente renascimento. Dava gosto vê-lo, orgulhoso e feliz em sua casa simples, cercado por seus infinitos parentes, agregados, parceiros e amigos. No show, Milton tomou um porre — como qualquer pessoa, cheia de alegria numa festa em que todos estão contentes, na qual todos são convidados e bem-vindos. Talvez Milton tenha tomado meio copo de cerveja e ficado como Deus manda e o diabo gosta nessas raras oportunidades.

O Bituca cantou de língua enrolada, bicudo, feliz, como alguém que bebe e fica alegre em sua própria e linda festa.

O igualmente (e tão diferente) mineiro Deputado José Bonifácio diz sempre: "vamos parar de nhe-nhe-nhem!" E vamos mesmo. Sem essa de esconder que Milton Nascimento, a brilhante superestrela, fez o show de "pé queimado" — moralismo tolo, repressão injustificada e injustificável cobrança em um espetáculo no qual não foram cobradas entradas e que mobilizou as melhores condições técnicas possíveis e a maior precisão técnica exigível, mesmo numa festa. Milton cantou "mal" mil vezes se desencontrou de seus músicos,

NELSON MOTTA



Milton três pontas 1977



Os caros amigos: Chico Buarque foi a Três Pontas, cantou e dançou



A imprensa nacional esteve presente ao show-homenagem de Milton

esqueceu todas as letras e arranhos; quem não esqueceria, se pousado no centro de uma paisagem deslumbrante, sob os olhares amigos de 10, 15 mil convidados que vieram de todos os cantos do Brasil para integrar o ato de amor entre um artista de gênio e o povo de sua pequena cidade?

Poucas vezes — em longos anos de convivência — vi Chico Buarque tão descontraído e feliz antes de um show; logo ele que tem um pavor permanente de se apresentar ao vivo, a ponto de abrir mão de verdadeiras fortunas para não pisar num palco. Chico estava alegre, de camisa amarela, boné e riso aberto. Pela primeira vez tocou piano, um indigente piano de brincadeira, indôcil às mãos do poeta. Chico — que não tocou piano — se dispôs a fazer sua estréia diante de uma multidão, é dado que confirma seu ânimo. E mais — começou, errou tudo, disse que ia começar de novo e meteu bronca, catando cavaco na maior, feliz ao brincar com o público, grandiosamente humilde para iniciar sua participação na festa acompanhando-se ao piano numa música de ... Francis Hime e Vinicius.

Milton de olho arregalado, bico comprido, coração na boca, nó na garganta de cristal e ébano, quase impossível emitir qualquer som.

Milton, do falsete de lâmina, aço impecável, Milton de timbre inconfundível, Milton, o músico de gênio — ali, como uma criança no meio do imenso palco, trocando as pernas, trocando as notas, trocando as palavras, maravilhosamente humano e simples, gigantesco ao se entregar à emoção que se apossou dele. No palco todos estavam alegres quase todos "alegres" estavam. Pela claridade do dia, pela festa, pelo descompromisso do encontro de amigos, pela delícia do ar puro e leve, sob as mais fraternas vibrações, no meio do verde e no centro da esperança; todos distantes das arenas das cidades grandes, da competição, do comércio, das pressões, do médo e do implacável cotidiano de tensão e luta.

Não havia uma proposta ou compromisso de "grande espetáculo", destinado a oferecer impecáveis apresentações artísticas ao respeitável público. Não havia o compromisso de um show "produzido", ensaiado, preciso, "profissional". No palco de Três Pontas os astros da música profissional eram amadores, eram amigos fazendo uma festa. Com milhares de convidados, com uma cidade inteira convidada. Um show feito de graça, por pura ação de graça.



Milton ficou emocionado com o público que afluíu à sua cidade.

Potás

trespontanos

O policiamento foi feito por 150 homens da PM mineira e — apesar de grande aparato e equipamento — não houve nenhum incidente, nenhuma prisão ou qualquer ação repressiva. O coronel J. Omar, que comandou a segurança, disse que recebeu apenas uma recomendação especial do Governador Aureliano Chaves no sentido de que a violência fosse evitada de todos os modos. E foi; principalmente pela tranquilidade da multidão.

Embora não tenha comparecido ao show, o Governador de Minas estava em sua fazenda de Três Pontas, sua terra. Na Câmara dos Vereadores, ao lado de um retrato oficial do Presidente Geisel há um bem maior e sorridente do Governador.

Na alegria e descontração em que estava, Chico Buarque foi personagem responsável por muitos risos e sorrisos; quando, enquanto Milton cantava "Beijo partido", dançava animadamente com o letrista Fernando Brandt no fundo do palco, rememorando o melhor estilo dos bailes de formatura. Alias, Chico dançou muito, o tempo inteiro: com Milton, Clementina e até sozinho.

A Rádio Bandeirantes transmitiu em FM direto para São Paulo, ao mesmo tempo que sua equipe de televisão sob a direção de Roberto Oliveira gravava todos os

sons e movimentos em dois caminhões de externa e com uma equipe de 40 pessoas. Em nome do Jornalismo da Rede Globo agradecemos ao Roberto e pessoal da Bandeirantes o espírito fraterno e a colaboração para um trabalho melhor de todos.

Após uma canção bonita e nova, interpretada por Milton, Chico, Olivia (mulher de Francis Hime) e Pii (irmã de Chico), uma amiga de Milton que estava no palco não se conteve e sem saber que um microfone próximo estava aberto, mandou em alto e bom som um "éta música do (...)" através das 40 caixas da Transasom. Gargalhada geral e grandes aplausos.

Eram belíssimas as credenciais distribuídas por Paulo Pilla à especializada: prateada, redonda, com a montanha e o trenzinho de "Geraes" e os dizeres "Milton Nascimento — 1977 — Três Pontas". Era um adesivo que o pessoal colava nas camisas, calças ou até mesmo no próprio corpo. Disputadas a tapa como histórico souvenir depois do concerto.

Fafá de Belém chegou de avião com seu empresário Paulo Lima pouco depois das duas e às quatro já alçava vôo de volta a Santos, onde tinha um show para fazer. E uma das mais queridas amigas de Milton e foi aplaudidíssima, especialmente em "Raça" — acompanhada por coro geral.

"O que será" foi cantada nada menos que cinco vezes e o público sempre pedia mais. Como também, nas primeiras filas, ouvia-se constantes "sugestões" para que Chico cantasse "Apesar de você". Não cantou. Cantou "Primeiro de maio", a primeira parceria com Milton, lindíssima.

Cartas

Omissões e inexatidões

"Uma recente publicação oficial analisa as administrações dos antigos Prefeitos da Cidade. Seu autor, Sr Oliveira Reis, que se arvorou em historiógrafo, teria prestado bom serviço se estivesse à altura do empreendimento. Mas pelo que se viu, se não lhe falta capacidade de redigir, falta-lhe um requisito fundamental para a tarefa, ou seja, o gosto paciente pela pesquisa, o empenho em obter informações exatas através de documentação fidedigna. Isso, não procurou fazer. E os documentos aí estão, nos arquivos, à espera de quem os vá consultar, o que o Sr Oliveira Reis desprezou, ao que tudo indica. Daí, omissões indesculpáveis e afirmações inverídicas.

Basta dizer que, segundo o autor, o Sr Adolfo Bergamini "nunca exerceu a advocacia", coisa que seu filho Noel contestou, declarando que outra não fora a profissão do referido Prefeito. De Mendes de Moraes, reconhecido como um dos mais empreendedores, com impressionante volume de realizações, cita apenas uma poucas, e assim mesmo inexatas. Por essas e outras razões, a obra não merece crédito. Procure o Sr Oliveira Reis abastecer-se de dados nos arquivos, consulte funcionários que serviram aos antigos Prefeitos e apareça com uma segunda edição revista, aumentada e principalmente corrigida. Porque matéria não lhe haverá de faltar. Celso Cantuária Lima — Rio de Janeiro (RJ)."

psicologia profunda ou psicanálise das almas, em que é mestre o autor, está saturado de inteligência adubada de cultura universalista. Apreciei ainda neste trabalho, que tanto me tocou o coração, a justiça feita a Octávio de Faria, nosso contemporâneo de Faculdade e do Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, centro noturno onde se discutia Direito Natural até duas horas da madrugada, antes de se ir terminar o papo no Lamas, sob a presidência austera de Vicente Constantino Chermont de Miranda. Alguns nomes, em embrião nesse tempo, estão por esse mundo de Deus, espalhados, como Vinicius de Moraes, Gilson Amado, Plínio Doyle, San Tiago Dantas, Américo Lacombe, Chagas Freitas, Hélio Viana, C. A. Dunshee de Abranches e outros. Ocorre-me dizer de Octávio de Faria o que escreveu em suas admiráveis Memórias, mestre Gilberto Amado, a respeito do Presidente Getúlio: Octávio era, já nesse tempo, "carregado de destino", desde que publicou Maquiavel e o Brasil, e com Mundos Mortos se lançou à Tragédia Burguesa, obra cíclica que só agora se encerra com a publicação (40 anos depois) de Pássaro Oculto, de que fez compacta síntese Otto Lara. Petrarca Maranhão — Rio de Janeiro (RJ)."

Vinicius

Fim de semana no Rio

25 anos de colonismo: 52/77. ★ ★ ★ O último domingo de julho, em pleno inverno carioca, o Iate Club fervilhava de barcos saindo *al mare*. Fazia 35 graus e um sol maravilhoso. Jorge Castro Barbosa com toda sua "mobília" também ciscando *al mare*. Chiquinho Guise idem idem, com sua imponente lancha. ★ ★ ★ Sábado, quem reapareceu na noite sambando animadamente no eixo da General Osório foi Marilena Toledo e Alvaro, ela com um turbante muito chic. Tudo OK. ★ ★ ★ Na noite de domingo o prefeito e Sra. Marcos Tamoyo resolveram descontrair e degustavam pizza branca na pizzaria de Paulo Vassalo. Aliás, o conde Alberto Cinzano no mesmo local, com um grande grupo. ★ ★ ★ Também domingo, no elegante jantar do eixo, o ex-ministro Ney Galvão jantava com Flavio e Lola Falcão. Noutro grupo Lourdes Catão Doudet e Tereza Souza Campos, que há 25 anos são leitoras desta coluna. Ambas chiquérrimas,

como sempre. ★ ★ ★ Também outra leitora há 25 anos desta coluna, Carmem Mayrink Veiga, jantava no mesmo local com um grande grupo. E na mesa ao lado, Juca Chaves com sua bonita mulher e o excelente ator Luis Gustavo, também "avec". Aliás, foi um domingo hidráulico. Já depois de uma da matina apareceu outro grupo musical para jantar: os responsáveis pela "Garota de Ipanema", Vinicius e Tom Jobim, com suas respectivas mobílias. ★ ★ ★ Amanhã, quem recebe para coquetel é Rodolfo Garcia, na discoteca do Sidney, para lançar oficialmente o próximo Salão dos Decoradores, no Copa. ★ ★ ★ Também almoçavam juntos no Jockey os parlamentares Benjamin Farah e Silbert Sobrinho. ★ ★ ★ Foi lançado ao mar o navio "Celina Torrealba", que é o nome da neta dos casais Hermes Lima e Penha Borges. ★ ★ ★ Filosofia: 25 anos de colonismo: os caes ladram e a caravana passa. ★ ★ ★ Hoje stop porque eu vou em frente.

Vini out

VINICIUS DE MORAES

FOLHA DA TARDE - SP

3 / 8 / 77



Vinicius de Moraes na estréia do "É Hora de Brasil: MPB Show", hoje, pela TV Gazeta.

FERREIRA NETTO

FOLHA DA TARDE - SP

3/8/77

A TV Gazeta...

Promove nesta quarta-feira a estréia de "É Hora de Brasil: MPB Show", apresentando Vinicius de Moraes, suas músicas e seus parceiros. O programa vai ao ar a partir das 20h45 e se propõe a valorizar a música brasileira, no momento em que a preocupação de muitos é badalar o que vem de fora. Uma série muito interessante, feita em co-produção com a TV Educativa do Rio de Janeiro e que vai mostrar nas próximas semanas Fafá de Belém, Elza Soares, Alaíde Costa, Alcione, Eliana Pitman, Jair Rodrigues, Cauby Peixoto e muitos outros. A apresentação é de Yara Ferron.

FERREIRA NETTO

3 / 8 / 88

ZONA FRANCA

- Belita e Marcos Tamoyo eram os homenageados do jantar de anteontem em casa de Jacira e Alfredo Thomé, que reuniram, entre outros, o Embaixador David Hunt e Lady Hiro, o Cônsul Carlos Abella e Pilar; o Embaixador Carlos Veras, Stella e Cleofano Meirelles, Vera e João de Souza Campos, Telma e Jorge Costa Neves, Patrícia e Santos Bahdur, Helô e Eurico Amado, Ligia e John Lowndes, mais Nelly Ribeiro, Ruth Cohn e Cristiana Neves da Rocha, José di Stefano e Márcio Braga.
- Danusa Leão de volta da sua viagem às ilhas gregas, que fez com a irmã, Nara.
- O pianista Arthur Moreira Lima, há alguns anos radicado em Viena, deverá transferir para Barcelona sua residência europeia.
- José Henrique Bello lança amanhã seus álbuns de litografias, no Do Lado, no Leblon.
- O aniversário de Tarsilo Vieira de Melo será comemorado com um coquetel, amanhã: ele e Rosa recebem.
- O representante do BID no Brasil e Sra. William Ellis convidando para drinques, hoje, em sua residência.
- Quem segue hoje para a Europa é Jean Torterotot. Fica em Paris até o final do mês.
- Paulo Geyer e Adolfo Albuquerque seguem com as respectivas famílias, amanhã, para Belém do Pará.
- Grupo estelar, anteontem, curtindo música na Praça General Osório: Vinicius de Moraes e Martita, Toquinho e Mônica, Maria de Fátima e Mario Priolli, Ligia e Fernando Sabino, mais o cronista Sérgio Cabral, todos na mesma mesa.
- Noêmia e Leopoldo di Mottola ganharam anteontem seu segundo filho, uma menina. O nome ainda não foi escolhido.

Porno-terror, porno-suspense, porno-aventura



Aldine Muller

O declínio da pornochanchada já tinha sido detectado por alguns observadores há quase um ano. E agora está confirmado que essa tendência está realmente desaparecendo: dos 29 filmes produzidos no Brasil, no primeiro semestre deste ano, segundo levantamento do Sindicato da Indústria Cinematográfica do Estado de São Paulo, somente 8 podem ser considerados pornochanchada, embora quase todos recusem essa classificação. São eles: "Deu a Louca nas Mulheres", "Garimpeiras do Sexo", "Será que Ela Aguenta", "O Garanhão no Lago das Virgens", "O Segredo das Massagistas", "Internato de Meninas Virgens", "A Mulata que Queria Pecar" e "Pintando O Sexo".

A grossura da pornochanchada, entretanto, fez escola: "essa carpintaria", como diz o produtor Pedro Carlos Roval, "está servindo de plataforma para uma dramaturgia mais requintada". Assim, três tendências recentes demonstram que a base ainda é a pornô: "Snuff - Vítimas do Prazer" é porno-terror; "Excitação" é porno-suspense; e "Dezenove Mulheres e Um Homem" é porno-aventura. Ficam faltando somente filmes na base do pornopolicial, porno-musical, porno-capapada e assim por diante... — JAIRO FERREIRA

Demócrito jura que seu livro não é um assalto

"Isto é um assalto" ou "A defesa do consumidor", livro de Demócrito Moura, vai ser lançado hoje às 19 horas no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo. Editado pela

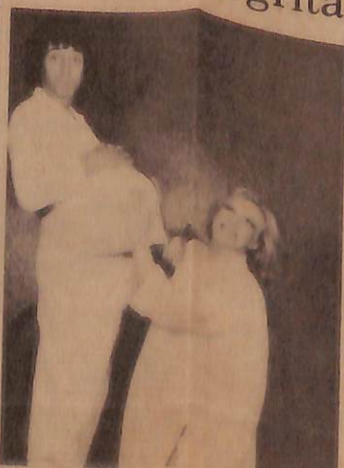
Retificação

Com respeito à minha reportagem de segunda-feira última — "Milton A Travessia de Uma Praça" — devo esclarecer que o esquema montado pelo senhor Paulo Pilla, empresário de Milton Nascimento, em frente à casa da mãe adotiva do compositor para barrar a entrada dos jornalistas que não fizessem parte do seu círculo de relações tratava-se, segundo as suas próprias palavras, de "um crivo não-fascista" e não de "um crivo não-fascista" como saiu publicado.

Outro equívoco pretende-se à maneira como Milton Nascimento deixou o "show". Milton saiu carregado sim, mas não em triunfo. — REGINA PENTEADO

Alfa-Omega (uma editora até que corajosa porque muitas outras disseram um sonoro não ao escritor que relata verdades sobre a exploração institucionalizada ao consumidor) o livro custa Cr\$ 40,00 — apesar de suas páginas em papel jornal. Descontraído, brincalhão, o próprio Demócrito Moura comentou que o preço cobrado pelo livro já é um assalto. Mas ressaltou: "Eu mesmo, em cada livro só ganho 10". — ERICA KNAPP

Kate Hansen, a 11.ª que fala baixo ou grita



Ricardo Petraglia e Kate Hansen

Na segunda quinzena de agosto, São Paulo terá mais um teatro, o "Igreja" à rua 13 de maio, 830 (Bela Vista). A peça escolhida para inaugurar a casa é "Fala Baixo Senão Eu Grito", de Lillah Assunção, com Kate Hansen e Ricardo Petraglia, dirigidos por Julio Calasgo. O diretor do "Igreja", Luiz Carlos Labordal, acha que é importante

"abrir as portas do teatro com texto de autor nacional, aliado ao trabalho de jovens atores, além de promover a estréia em teatro do diretor da peça". Esta é a décima primeira montagem de "Fala Baixo" no Brasil. A peça já foi levada na Bélgica, Argeantina e México. E está sendo filmada. MOACIR AMANCIO

Na palestra de Vinícius, o tema não é uísque



Vinícius de Moraes

Em Fortaleza, no Ceará, os estudantes, intelectuais e a gente fina do lugar espera por Vinícius de Moraes. Sem Toquinho, ele vai fazer uma palestra no Teatro José de Alencar. Os divulgadores informam que, durante a conferência, o tema será a evolução da poesia brasileira nos últimos vinte anos. Antes e depois, poderá variar, e as preferências se concentram em uísque e mulheres.

É HORA DE BRASIL:

MPB
SHOW



VINÍCIUS DE MORAES



CAUBI PEIXOTO



Elza Soares

ELZA SOARES



FAFA DE BELÉM



CLAUDETE SOARES



Jair Rodrigues



VANDERLEI Cardoso

nesta
quarta -
feira

20:45 h.

canal
11

REDE GAZETA DE TELEVISÃO

Ronaldo Bôscoli



Clara procura bons compositores para seu disco

Clara Nunes está um tanto desolada. Pretende fazer um disco com mais aberturas e — entre esse montão de fitas pouca coisa se aproveita — está achando uma grande carência de compositores de um certo nível no Brasil.

— Mas você não pode reclamar. Paulo César Pinheiro tal mesmo.

— Fique sabendo que Paulinho é o mais entristecido com essa falta de criação meio geral. Falo dos compositores fora do esquemão.

— Eu acho que tudo começou quando os compositores começaram a compor para o próprio consumo. Quando os compositores sacando que não ganhavam o bastante com arrecadação passaram a cantar.

— Paulo César Pinheiro, meu marido, sempre viveu de música. Muito antes de nos conhecermos.

— E me picharam demais — Paulinho falando — porque eu compus com muitos parceiros. Isso para mim é uma honra. Na minha coleção só está faltando o João Gilberto.

— Mas Clara poderia gravar 12 faixas com os 12 parceiros de Paulinho.

— Nem ele quer, nem eu acho legal. Haverá de aparecer bons compositores. Porque foi que vocês, Menescal, Lyra, Luiz Eça, Edu Lobo (muito tempo) pararam de trabalhar?

— Porque o estrôncio noventa, a poeira dos eletrificados abafou a nossa pequenina voz acústica. Não queriam mais consumir o nosso gênero.

— Mas tá tudo mudado. Eu como sambista não tenho o menor receio da concorrência roqueira, porque isso terá que passar. E quanto mais vocês acelerarem o processo, mais rápido acontece. A máquina está sempre do lado do mais forte. Se o pessoal dos números sentir que o mar deles não está pra peixe muda logo de camisa. Eu sou uma cantora vitoriosa. Sem jamais haver apelado. Vim de Paraopeba com uma mão na frente outra atrás. Hoje sou sócia deste teatro. Paulinho tem a parte dele, toda ela ganha com música.

(Paulinho apartaia) você sabia que em arrecadação eu perco apenas para o Tom? Não porque eu seja o bonzão, você me conhece. Mas é porque eu trabalho muito e sempre.

— O jeito — Clara retoma — é juntar vocês meio ociosos. Juntá-los a jovens cheios de talento como o Guina, o Gudin, e outros caras que estão compondo muito bem. As pessoas precisam voltar a se encontrar. Trocar idéias, copos, trabalhos.

— Como no tempo da bossa nova... e aí éramos chamados de elitistas.

— Mas o trabalho que resultou disso foi muito mais importante que uma frase. Veja



o meu caso. Se eu continuar no esquema de sempre, sei que ainda tenho fôlego para garantir um disco bastante comercial, de qualidade, mas meio repetido. Quero abrir meus caminhos. Quero gravar o que eu considere uma música de nível. Do Vinícius ou do Candeia.

— E o trabalho novo — Paulinho completa — só pode pintar se houver muitos encontros.

— A partir da semana que vem vou começar a estabelecer contatos. Sei que vai acontecer muita coisa. O Carlos Lyra por exemplo pode compor com o Paulinho, sei lá, mexer no esquema, mudar o jogo. Garanto que hoje em dia há um grande trabalho a ser feito, e esse moço que está aqui — mostra o marido — jamais interrompeu sua seqüência. Vive exclusivamente de música, e vive bem. Naturalmente os valores para o Paulinho são diferentes. Em vez de comprar um iate, ele prefere comprar um apartamento. Ou ser sócio de um teatro em partes iguais. Eu e Danilo Rocha. Isso não anima?

EXCÉLSIOR TEM LINHA IMPORTADA

Pelo menos três vezes por ano, Antônio Celso viaja para a Europa e para os Estados Unidos. Porém muito mais do que fazer turismo, ele vai acompanhar o que está acontecendo por lá, em matéria de rádio. É que Antônio Celso é o gerente de Programação da Rádio Excélsior de São Paulo, onde tem, ainda, os programas "Top Hits" (de 18 às 20 horas) e o "Excélsior Classe A: Qual é o Sucesso?" (de 20h30min às 22 horas).

Segundo o radialista, "a Excélsior criou, em São Paulo, uma escola. Foi a primeira emissora que teve a coragem de se despojar de tudo quanto possuía e limpar a prateleira, recomeçando com uma programação inteiramente dedicada à juventude. Isso, em 1968. E, graças a muito trabalho, a aceitação não poderia ter sido melhor".

Sobre o problema da emissora tocar 60% de músicas internacionais, Antônio Celso explica que "o motivo principal é a falta de um mercado brasileiro. Aqui no Brasil, demora-se muito tempo para gravar um disco que se possa chamar de 'linha de frente', ou seja, aquele que vem para ficar nas paradas de sucesso".

Segundo o radialista, "a Excélsior criou, em São Paulo, uma escola. Foi a primeira emissora que teve a coragem de se despojar de tudo quanto possuía e limpar a prateleira, recomeçando com uma programação inteiramente dedicada à juventude. Isso, em 1968. E, graças a muito trabalho, a aceitação não poderia ter sido melhor".

RADIALISTA AOS 16 ANOS

Antônio Celso nasceu em Jaí, cidade do interior de São Paulo, e foi lá mesmo que começou, no rádio, aos 16 anos de idade. Em 1961, mudou-se para São Paulo, onde começou trabalhando na Rádio Panamericana (atual Joven Pan). Em 1968, depois de passar pela Rádio Tupi, transferiu-se para a Excélsior, onde está até hoje.

A respeito do que apura sobre rádio, no exterior, ela acha que, depois de Londres o melhor mercado para rádio foi Nova Iorque e que, agora, está surgindo um novo campo muito forte — a Alemanha. Ele acha, também, que todas as gravadoras brasileiras deveriam mandar, pelo menos uma vez por ano, seus operadores para a Europa, fazer curso ou, simplesmente, entrar em contato com o pessoal de lá. "Seria um investimento muito bom, tenho certeza."



Microfone aberto

RAFAEL BANDEIRA

● Milton Peruzzi está entre as Rádios Record e América para montar uma nova equipe de esportes. O ex-diretor de esportes da Rádio Gazeta já manteve reunião com Sílvio Santos e Paulo Machado de Carvalho Neto.

● Confirmadas inteiramente as previsões do Rafa. A Rádio Record passou a ocupar o primeiro lugar nas pesquisas de audiência realizadas em São Paulo, logo no primeiro mês que Sílvio Santos mudou com sua equipe para a PRB-9.

● Boa presença da equipe de produção e reportagem da "Tarde Total", da Rádio Globo, integrada por Afonso Soares, Sebastião Valentim, Roberto Mendes, Gastão Miranda, João Vitta, Paulo Ricardo, Pedro Costa, Leila Miranda, Paulo Regis, Santos Neto, Carneiro Gomes, Antônio Lemos.

● Pedro Paradela acabou não acertando seu ingresso na equipe de esportes da Rádio Tupi, que resolveu contratar o repórter Geraldo Pedrosa, da sucursal do jornal "O Estado de São Paulo".

● Ingo Reinaldo (Londres), Denise Reis e Roberto D'Ávila (Paris), Ermanno Henning (Bonn), Cássia Keler (Nova Iorque)



LEILA MIRANDA



AFONSO SOARES

formam a equipe de correspondentes da Rádio e TV Bandeirantes, no exterior.

● Alípio de Miranda Silva, o consagrado Pato Preto, é um dos mais eficientes e simpáticos colaboradores do "Programa Haroldo de Andrade". A propósito do Haroldo de Andrade, ele acaba de criar uma nova seção em seu programa na Rádio Globo, dialogando com os ouvintes, procurando saber os problemas dos bairros e encaminhando os assuntos às autoridades competentes. Outro detalhe: a média da audiência de seu programa subiu, disparando como a maior do rádio carioca.

● Em Brasília, dinamizando o setor jornalístico, a Rádio Alvorada também melhorou a qualidade de sua programação musical.

● Duas atrações da Rádio Metropolitana: "Musical Completo", de 1h30min às 4h30min, com Paulo Pinheiro e "Rota Policial", às 13 horas, com produção e apresentação de Marlene Moura.



Ramiro Fonseca, com amor

"Rio Eu Te Amo — O Programa do Amor" (de 14h30min, às 16h30min) e "Ramiro Fonseca e o Sucesso" (de 16h30min às 17h30min), dois programas de grande audiência nas tardes de domingo, da Rádio Metropolitana, são produzidos e apresentados por Ramiro Fonseca. "Rio Eu

Te Amo — O Programa do Amor", inclusive, foi o vencedor, no ano passado, do concurso de melhor programa musical, promovido pela revista "Modinha Popular". Deste programa, destacam-se os quadros "Esta Música Me Acompanha" e "A Seleção Musical em Três Dimensões".

Pernas lindas, bem vestidas e provocantes você consegue com o que Deus lhe deu e com as meias-calças Lolypop e Eternelle Jubilee.

A meia-calça LOLYPOP, transparente da cintura aos pés, é finíssima, acariciante, e as suas cores para esta estação estão lindas. A meia-calça ETERNELLE JUBILEE, a famosa meia que o fio não corre, está uma beleza em



suas novas cores. É macia e transparente como você deseja.



Um produto

Malharia Nossa Senhora da Conceição S.A. Rua João Antônio de Oliveira, 339 Tel. 291-3111 São Paulo

Reportagem de Paulo Simões • Fotos de João Silva

ELZA SOARES

Sua vida e seus amores

Entre altos e baixos, aos trancos e barrancos mas sempre se mantendo fiel a si mesma, Elza Soares, com 18 anos de sambista, pode dizer que vive um de seus melhores momentos. Dirige uma casa que mais parece uma comunidade, de tanta gente, está bem e firme com o Seu Mané, voltou a estudar, faz muito "shows" e, sobretudo, se dedica à preparação de seu próximo LP, do qual espera muito.

QUANDO alguém pergunta a Elza Soares quantas pessoas vivem em sua casa, em Jacarepaguá, ela pára, pensa, e depois responde, entre divertida e preocupada: "Acho que vou ter que contar com os dedos." E com razão, pois o total se eleva a mais de 20, contando-se os filhos que ela e Garrincha tiveram, juntos ou em seus casamentos anteriores, além de alguns netos e sobrinhos, e mais um garoto, adotado, recentemente, pelo casal. "As vezes temos umas 30 pessoas almoçando em casa, pois ainda tem a babá e o motorista, fora os bicos que vão chegando." Os bicos são, na sua maior parte, os amigos de Mané e os músicos que acompanham a cantora, atraídos por suas reconhecidas virtudes culinárias. "Não dá para servir caviar para todo mundo, mas eu brinco bem na cozinha, modéstia à parte. Dia desses fiz um bacalhau com coco que foi elogiadíssimo. Mané, se pudesse, não parava

de comer o macarrão que sei fazer. Pena que meu prato preferido seja o jiló, que ele odeia. De qualquer forma, vivo eternamente na base do regime." A verdade é que as preocupações familiares, atualmente, ocupam na vida de Elza Soares, um lugar tão importante quanto a música. Os problemas enfrentados na educação de tantos filhos acabaram por envolvê-la a tal ponto que resolveu voltar a estudar. "Estou me preparando para o vestibular de Direito. Até agora me perguntou por que escolhi esse curso. Acho que, talvez, seja por ver tudo tão torto que decidi saber se o Direito é direito mesmo. O fato é que estou estudando feito doida, e isso contribui para aumentar o ambiente de seriedade e estudo aqui em casa. O que é muito bom, pois, se ainda tenho uma missão a cumprir, é a de educar meus filhos."

O amor a Garrincha, a vida fora do país e o black samba

Faz muitos anos que Elza vem cumprindo esta "missão", sofrendo, dando a volta por cima, vencendo. Houve uma época, inclusive, que ela e Garrincha, sem agüentarem as pressões sociais, se mudaram para a Itália, e, durante alguns anos, ficaram por lá. Da sua experiência de "mostrar o samba aos estrangeiros", ela tirou conclusões interessantes, que vão de encontro à opinião da maioria dos nossos artistas que se apresentam no exterior. "O brasileiro lá fora passa a ser uma coisa a mais na multidão. Eu só não fui uma coisa a mais porque fui com Mané, e ele é extremamente querido e respeitado por lá. Conheço a Europa quase toda, e também já cantei nos Estados Unidos, mas não tenho essa empolga-

ção. E uma ilusão tão grande, eles olham o brasileiro de um modo hostil. Naquela época, conheciam por lá apenas o Chico, o Jorge Ben e o Vinícius de Moraes. Já o Cartola e o Nelson Cavalcincho, por exemplo, não têm a menor chance de fazer sucesso no exterior, porque são puros demais. Aqui no Brasil, entretanto, todo mundo sabe quem era o Louis Armstrong; sabe-se que ele já morreu. Depois dizem que música não tem fronteira. Pois tem, sim, não de lá para cá, mas daqui para lá."

Não é por simples acaso que ela menciona o nome de Louis Armstrong, cuja rouquidão acusaram-na de imitar. Embora não negue sua admiração pelo grande músico norte-americano, Elza garante que sua marca registrada teve origem na época em que ainda morava no morro, e carregava uma lata de água na cabeça, cantando e gemendo ao mesmo tempo. E dispõe de um forte argumento para provar sua originalidade: "No morro a gente não tinha toca-disco nem rádio, logo não se co-trangeiro. Eu fazia isso inconscientemente." É evidente, por outro lado, o orgulho que tem pela coerência demonstrada ao longo de sua carreira, em quase 18 anos de profissionalismo.

"Nunca fui do tipo de criar máquina lero, chá-chá-chá e... como é mesmo o nome disso? Ah, sim, baladas. Pois é, nunca tive o objetivo de faturar de qualquer maneira. Sempre vim de samba, sempre lutei pela música brasileira. Fui respeitada pelo pessoal da bossa-nova e, quando entrou o iê-iê-iê, no programa "Jovem Guarda", eles me chamavam para cantar samba mais o "black" samba. Não tenho nada contra eles porque vejo que o pessoal

está numa onda. Depois que saem desses bailes de "soul", vão todos para as escolas de samba. Só que outro dia vi um neguinho que me deu pena: calça verde, azul, rosa, camisa de cetim, chapéu com pena. Fiquei daltônica de tanta cor. Se ele pegasse o livro e fosse para a faculdade, talvez chegasse mais longe."

Muito cuidado na realização do próximo disco

Atualmente, Elza está preparando seu próximo LP na Tapeçaria, "com muito cuidado". Para acompanhá-la, conta com seu grupo exclusivo, que se chama Kamatuê. São sete músicos: Guaracy (cavaco), Adilson (baixo), Fernando (bateria) e Paulo Fonseca (orgão), com o apoio vocal do trio Mané (ex-trio Pelé), formado por Bira (surdo), Macalé (pandeiro) e Moacir (agogô e tamborim). O repertório incluirá músicas de Antônio Carlos e Jocaifi, Tom e Dito, de Guaracy (que é o autor da conhecida "Baba de Quiabo") e da própria cantora.

"Eu e o Gérson Alves, o produtor, estamos trabalhando dia e noite para fazer um trabalho digno. Não temos ainda um nome, mas poderá ser o meu, simplesmente. O disco vai ser poeira como eu sou, pois não adianta fugir do que se é. Espero que seja um sucesso, porque tem muita coisa violenta. O que não é de se estranhar: afinal, venho de um lugar escuro, o meu barraco, e tive que fazer uma força enorme para não me perder entre os refletores da vida. Mas está tudo ótimo, no fundo, porque sou feliz e tenho forças para trabalhar. Consegui 'dar a volta por cima', e pode não ter sido por coincidência que fui a primeira mulher a gravar essa música."

Os difíceis caminhos de uma boa cantora

Elza Soares nasceu em Bangu e depois foi morar no morro da Água Santa. Teve uma infância pobre, a mãe lavando para fora, o pai um simples operário, todos lutando pelo sustento da família grande, seis irmãos. O primeiro casamento veio aos 12 anos, aos 19 já era mãe de sete filhos. Três morreram na infância, por causa da alimentação inadequada. A carreira começou no programa de calouros de Ari Barroso, com nota máxima: cinco. Daí, foi para a Rádio Mauá, com Hélio Ricardo, onde ganhou horário ao lado do violonista Manuel da Conceição, o Mão de Vaca. Moreira da Silva ouviu e levou-a até Aerton Perlingeiro. Surge o convite para ser "crooner" da boate Texas Bar, em Co-

pacabana, 1960. Na platéia, Silvinha Telles e Aloísio de Oliveira aplaudem, ele a convida para gravar seu primeiro disco, um 78 rotações. O primeiro sucesso foi "Se Acaso Você Chegasse", de Lupicínio Rodrigues. Em 1962, madrinha da Seleção brasileira, conhece Garrincha. Nos anos 60, canta em São Paulo, participa dos festivais, dos musicais da Record. Viaja para a Europa, canta no Teatro Sistina, em Roma. Nos Estados Unidos, é convidada a gravar com a orquestra de Count Basie. Em 1971, recebe do Museu da Imagem e do Som o diploma de Embaixadora da Música Brasileira: os 40 membros do Conselho de Música Popular votaram a seu favor, por unanimidade.



Antes de seu primeiro sucesso — "Se Acaso Você Chegasse" — Elza Soares morava numa taverna.

Em 1960, depois de vencer o programa de calouros do Ari Barroso, Elza foi "crooner" de boate.

Esta foto é de 1962, ano em que Elza foi madrinha da Seleção, quando conheceu o Garrincha.

Elza Soares e Garrincha, quando moraram na Itália, de 70 a 72.

No carnaval de 1975, Elza "puxou", na Avenida, o samba da Padre Miguel — "Mãe Menininha".

Durante algum tempo, Elza se apresentou assim, com a cabeça toda rapada. Este "show" é no Opinião.

Elza e Garrincha com algumas das pessoas — filhos, netos etc. — que moram em sua casa, em Jacarepaguá.

Artigo de frente

Oi, queridinhos!!! Gente, vamos abrir nossa conversa de hoje falando do pessoal da Avenida Paulista. Sinceramente, estou me empolgando com as novidades que estão sendo anunciadas na TV Gazeta. Vejam vocês, que a novela «Zulmira» está sendo gravada a todo vapor e a sua estréia deve acontecer na primeira quinzena de setembro, com direção do Kleber Afonso, contando com um elenco excelente e algumas participações especiais que merecem ser registrados, casos específicos da minha querida Clarise Amaral e do Peirão de Castro, que durante muito tempo fez novelas na TV Excelsior. Se isso não bastasse, o nosso Canal 11 acaba de contratar o José Vasconcelos e o Chiquinho Petronio, que deverão estreiar também em setembro, com um humorístico da pesada e o baile da saudade, respectivamente. Por outro lado, na noite de ontem, aconteceu o lançamento do «É Hora de Brasil: MPB Show», apresentando o Vinicius de Moraes. Um programa bem feitinho, onde o poeta contou muita coisa interessante da sua vida e apresentou alguns dos seus sucessos mais importantes. Como se sabe, a TV Gazeta coloca-se entre as primeiras no Brasil, tecnicamente falando, e agora, com toda essa movimentação no setor artístico, sem dúvida alguma, o telespectador paulista vai ganhando uma nova opção. Estou sabendo também que muito em breve será criada uma equipe de telejornalismo da pesada, que se movimentará dia e noite na nossa cidade, para uma ampla cobertura dos acontecimentos. Estou muito feliz com isso e aqui do nosso cantinho vou torcer fervorosamente por essa simpática emissora.

VETÊ

Andréa Cabanas

VINICIUS DE MORAES

toca-disco

Impossível
dizer adeus
a Maysa

"Adeus,
Palavra tão corriqueira
Que diz-se a semana inteira
A alguém que se conhece"
Eu não conheci Maysa, nem mesmo a entrevistei. Apenas a vi rapidamente nos bastidores da antiga TV Record. Mas ela foi minha companheira de cachaçadas, eu no copo, ela no disco. Eu era um rapazinho e, naquele tempo (1956/57), as músicas eram tão "dor-de-corno" que, mesmo sem ter nenhuma verdadeira tristeza, a gente inventava alguma (qualquer briguinha de namorada servia) e ficava pelos bares, rodeado de amigos igualmente na "fossa". Era até curioso: a gente, de dia, ouvia e dançava rock and roll até nos colégios, mas à noite ia para os bares e procurava ficar triste. Uma juventude na base do samba-canção.

Isso faz 20 anos. O primeiro disco de Maysa também é, igualmente, a gravadora RGE, de onde ela foi a primeira artista contratada. Por isso, o lançamento do álbum-duplo Para Sempre Maysa, com 28 músicas cantadas por ela. Uma maravilha. De sua autoria, vem Marcada, Não Vou Querê, Agonia, Tarde Triste, Resposta, Adeus, Ouça e Meu Mundo Caiu. De outros autores brasileiros: Chão de Estrelas, Eu Não Existo Sem Você, Suas Mãos, Conselho, Ah Se Eu Pudesse, Segredo, Candidata a Triste, Bronzes e Cristais, Bom Dia Tristeza, Se Todos Fossem Iguais a Você, Bouquet de Isabel e Fraqueza. E ainda músicas internacionais que ela canta em francês (Un Jour Tu Verrás e Chanson D'Amour), em inglês (I Love Paris), espanhol (Besame Mucho e Quizas Quizas, Quizas), italiano (Malafía) e até em turco (Uska Dara). As gravações são as originais e nota-se, no começo, a pobreza dos arranjos da época, na base de violinos e chocalhos ao fundo, marcando o ritmo, invariável. Depois, noutras músicas de anos seguintes, é que vão

aparecendo aos poucos o piano e os metais.

Maysa foi uma cantora que soube "dizer". Quando ela cantava "vá viver a sua vida com outro bem" ela dizia isso mesmo, na bucha. E bonito. Ela se liberta totalmente quanto entoa "abre os teus braços e canta/a última esperança/... de viver em paz" (Se Todos Fossem Iguais à Você, de Jobim-Vinícius). E que sentimento mostra ao "narrar" a história de Isabel: "E nervosa/ ela desce o decote/ e ajusta o saiote/prá forma se ver/ Eao sair/ olha o quarto calado/ onde fica um passado/ Pelo chão, um buquê/ acabou solidão de Isabel" (Bouquet de Isabel, Sérgio Ricardo). Em Chão De Estrelas, fez um desafio a Silvío Caldas, até então seu único intérprete. E ganhou dele. E em Bom Dia Tristeza (Adoniran-Vinícius), Maysa foi simplesmente magnífica, insuperável.

Maysa era assim espontaneamente. E a gente nota que, quando ela procurou "representar" a música, não se saiu tão bem: Eu Não Existo Sem Você, Suas Mãos, Conselho e Ah Se Eu Pudesse. Deve ter sido palpite de algum arranjador. E o disco tem um pecado: a inclusão de Candidata a Triste (de Ricardo Galeno-Paulo Tito), uma grande bobagem, ainda por cima com um coral ridículo ao fundo. Se bem que serve para provar que Maysa foi Maysa até em música ruim.

"Mas quando

Esses adeus tem outro gosto

Que só nos causa desgosto

Esse adeus você não dá"

Este disco é para guardar e ajudar a gente a nunca esquecer Maysa. — DIRCEU SOARES

VINÍCIOS

FOLHA DA TARDE - SP

4 / 8 / 77

RGE comemora seus vinte anos

No próximo mês de setembro, a RGE-Fermata completa 20 anos e, para comemorar todo este tempo de trabalho, a gravadora já iniciou a série de bons lançamentos, a partir do álbum "Para sempre Maysa", incluindo os maiores sucessos da cantora e compositora. Após este, virão elepês de Toquinho, Vinicius de Moraes, Agostinho dos Santos, Simonetti, Erasmo Carlos e Miltoninho.

O disco de Maysa foi escolhido para abrir a série de aniversário da gravadora porque ela foi a primeira cantora a ser contratada pela RGE. Por outro lado, existia



o objetivo de prestar uma homenagem inclusive dividindo o álbum de acordo com as quatro fases de Maysa: "O Começo", "Os Amigos", "Os Sucessos" e "Maysa Internacional".

Vinicius